

A Vida Além do Véu

EE¹: “A VIDA ALÉM DO VÉU - A primeira Série mediúnica a tratar do mundo dos desencarnados tem esse título. Moisés e Jesus agiram, para ela existir e instruir.”

“A Vida Além do Véu e A Vida nos Mundos Invisíveis, esses dois livros, psicografados na Inglaterra, entre 1910 e 1920, representam o máximo já vindo, espelhando o mundo espiritual. Quem quer que tenha noção de que vai um dia desencarnar e prestar contas à JUSTIÇA DIVINA, tem por obrigação conhecê-los e divulgá-los. Eles representam o testemunho da VERDADE, quando ela se manifesta em sua culminância significativa, que é relatar como funciona a JUSTIÇA DIVINA, no mais profundo de cada pessoa ou espírito, obrigando cada um a receber o merecido, em Luz e Glória, ou trevas, pranto e ranger de dentes, segundo como tenha procedido durante a encarnação.” (Boletim de Osvaldo Polidoro citado em edição de 'A Vida nos Mundos Invisíveis')

A série “A Vida Além do Véu” foi recebida pelo reverendo George V. Owen, por meio da escrita inspirada, entre 1913 e 1921.

Owen foi um reverendo da igreja anglicana. Assim, era resistente às mediunidades e não acreditava em reencarnação ou continuidade da vida em planos espirituais. Só que, após a morte mãe dele, ele passou a aflorar as suas mediunidades.

Como ainda relutava, foi ordenado ao Owen, por meio da sua esposa - que também era médium -, que se sentasse e escrevesse o que viesse à sua mente. Daí, ele passa a receber as mensagens de sua mãe e de outros espíritos. E o resultado são os cinco volumes da série A Vida Além do Véu:

I - Os Planos Inferiores do Céu

II - Os Altos Planos do Céu

III - O Ministério do Céu

IV - Os Batalhões do Céu

V - Os Planos Exteriores do Céu

A Vida Além do Véu – Livro IV – OS BATALHÕES DO CÉU

A transmissão do quarto livro é realizada pela mesma equipe de espíritos que transmitiu o anterior.

Quem conduz a comunicação desse quarto livro é o **Arnel**, um espírito que habita o **5º Céu** e está progredindo para o **6º Céu**. Lembrando que são 7 grandes céus, 7 grandes moradas espirituais, que compõem o plano espiritual da Terra, mas esses 7 céus são divididos em milhares de subfaixas, para abrigar espíritos de todos os graus evolutivos e condições cármicas.

Observação: Na série A Vida Além do Véu, eles dividem cada Céu em duas grandes esferas, portanto em vez de 7 Céus, eles falam em 14 esferas. Por isso, o Arnel diz que está progredindo da 10ª para a 11ª esfera, que é o mesmo que progredir do 5º para o 6º céu.

E, ele diz que o **tipo de trabalho espiritual** muda a partir do 6º céu:

"(...)aqueles que entram na Esfera Onze assumem agora outra série de deveres. Seu serviço agora volta-se ao que é Criativo. Começam a aprender os grandes mistérios do Universo da Vida, agora não mais quanto ao poder operativo como manifestações mais exteriores, mas quanto à sua potência íntima, como é encontrado mais junto aos Mais Santos que já quase habitam a Casa do Pai."

Cabe lembrar que o Arnel é aquele líder da legião que foi auxiliar os espíritos dos umbrais e da subcrosta, no livro anterior. Ou seja, até o 5º Céu, o trabalho tem como foco predominante ajudar os necessitados que se tornem merecedores. Já a partir do 6º céu, que começa naquela que o Arnel chama de Esfera Onze, o trabalho passa a ser mais focado na atividade de criação.

Por isso, o Arnel fica bastante tempo na Universidade das 5 Torres, para aprender sobre a formação dos planetas e das formas de vida, mineral, vegetal e animal:

"Nós vimos que os grandes Senhores da Criação começaram seu trabalho há muito tempo antes do átomo etéreo, e próximo da origem de tudo. Ainda, aqueles que tratam da evolução etérea, e para adiante disso, são Senhores muito velhos e grandes. Nós entretanto seguimos o direcionamento de estudar estas vibrações do poder mental onde eles estavam mais retardados pela densidade do material no qual se moviam. E achamos que uma das tarefas mais difíceis que nós estudantes tínhamos pela frente era pensar e querer na maneira apropriada."

O Mestre Polidoro ensina que a matéria começa quando a Luz Divina é emanada por Deus e, a partir daí, os Cristos comandam o trabalho de criação dos planetas, por meio do adensamento da Luz Divina - a formação da Terra, por exemplo, foi comandada por Jesus e pelo Cristo Restaurador. E há legiões de espíritos hierarquizados que auxiliam os Cristos nesse trabalho criativo, não só de formação de planetas, mas também de concepção de novas formas de vida. Tudo isso exige o treinamento do poder mental, do pensamento.

No item 81 da Bíblia dos Espíritos, o Mestre diz assim "Se a Primeira Ação de Deus, da Essência Divina, é exercitar a Mente, como não será o Pensamento, em Seus filhos, também a suprema alavanca construtora?"

Além de se iniciar no trabalho de criação, o Arnel também foi chamado a trabalhar em outra frente, em um trabalho grandioso que mobilizou espíritos dos mais variados céus, daí o título desse 4º livro - Os Batalhões do Céu".

O Arnel foi chamado a auxiliar no âmbito do trabalho de restauração da Doutrina do Caminho, ordenada por Jesus. O Arnel diz assim:

"O Próprio Cristo, como eu disse, era ubíquo; Ele estava onipresente entre todas as miríades de seus batalhões em todos seus degraus de atuação, desde Seus supremos Senhores, que detinham enorme autoridade, até os mais humildes trabalhadores de Suas fileiras. Mas apesar de que internamente fôssemos inspirados para nossos vários deveres, mesmo assim externamente estava tudo exposto em perfeita ordem para a batalha." "Mergulhamos naquela direção, por assim dizer, arremessados amplamente para longe de nossa influência em socorro, ajudamos que este conhecimento se dilatasse ao máximo, e assim fosse obedecido." "Este trabalho, no qual a senhorita Kathleen está ajudando a mim e aos meus amigos, pode parecer ter pequena relação com aquilo que acabo de descrever a você. Mesmo assim é um item da mesma operação"

Assim, a transmissão da série A Vida Além do Véu também faz parte desse trabalho de restauração da Doutrina ensinada por Jesus.

Fora isso, o treinamento que o Arnel recebeu na ciência da criação foi uma preparação para um trabalho futuro, relacionado à transformação que o Planeta irá sofrer durante a transição planetária que já se iniciou.

Treinamento na ciência da criação era para que o Arnel pudesse ajudar na transformação em que os céus espirituais mais trevosos irão desaparecer e a própria matéria densa do planeta será alterada:

"Então fomos levados a relancear o futuro. E isto me leva ao presente termo de minha mensagem a você." "Chegou um tempo quando os vapores sobre

a terra tinham sido, através de nossa química celestial, separados em seus elementos nativos. Estes foram segregados e tratados separadamente, cada um por aqueles especialmente treinados para este particular serviço. Eles foram transmutados e, quando o processo de re-mistura deles numa massa mais saudável estava quase por se completar, fomos chamados de lado para descansar, outros tomaram nossa tarefa naquele instante."

A Vida Além do Véu – Livro V - OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU

O RESULTADO DE UMA TRAGÉDIA NA TERRA

O primeiro caso começa com um conflito que resultou na morte de 6000 pessoas. Esse acontecimento, exige um trabalho grandioso do outro, para recolher e atender aqueles mais de 6000 desencarnados.

Coube a um espírito chamado Shonar recolher essas pessoas. E ele coloca todos eles em estado de dormência, no segundo Céu, (que é um céu bem próximo da Terra, por isso "Céu exterior"). É um plano espiritual ainda bem árido, desertificado, pedregoso. Lá, ele deixa os 6000 sob os cuidados do Arnel, que é o espírito que narra o livro, e de outros dois grandes trabalhadores.

"Estas pessoas foram vilmente levadas à morte. Elas não eram altamente sintonizadas espiritualmente, exceto algumas delas. Se fossem acordadas repentinamente de seu estado de torpor, sua morte súbita e violenta seria arremessada contra eles, haveria uma explosão de raiva frenética da parte de três quartos deles. Isto envolveria os outros, e o resultado final seria um pânico e a deflagração do medo, atirando-os de volta para a cena do seu massacre. "

"Nosso objetivo estava claramente demarcado para nós. Era prevenir esta catástrofe. Mas os meios para tal fim não estavam claros. Cada uma destas vítimas era um ser de livre arbítrio. Livre arbítrio é sagrado, e não pode ser contestado. A cada um deles deve ser dada a oportunidade de escolher qual o caminho pelo qual seguiria, e o que faria. E esta escolha deve ser feita com pleno conhecimento do que se passa com ele e seus afins. Não podemos impedir tal escolha, e de jeito nenhum podemos defletir a sua linha de liberdade.

Tudo o que podíamos fazer seria assegurar que a escolha seria feita em condições favoráveis à sabedoria. No seu estado atual, estas pessoas não seriam capazes de usar seu raciocínio livremente, pois seriam cegados pela raiva e terror."

E eles foram ajudados por um espírito, que se apresenta como uma criança de 12 anos mais ou menos e muito sábio, chamado Habid, e mais 15 trabalhadores (líder: Ladena) decidiram acordar primeiro as crianças daquele grupo e assim Habid poderia orientar bem esses que haviam desencarnado bruscamente e tão jovens.

“Por isso trouxemos as crianças (para a clareira) e as acordamos. Primeiramente levantamos uma e levamos para Habid, que o levou dali e mostrou as árvores e as flores, e respondeu suas perguntas. Quando este ficou à vontade, acordamos mais três. Então, gradualmente, nós os tínhamos todos acordados e à vontade, quase mil deles.”

Depois, eles sondaram o histórico dos adultos e acordaram os que possuíam tendências mais bondosas e, com a ajuda de muitos destes, eles acordavam e orientavam os demais, gradualmente, até que sobraram só os mais revoltosos.

“Voltamos agora nossas atenções sobre os milhares que estavam ou permaneceram na planície ao pé da montanha. Eu peguei os Sete homens e Ladena chegou para comandar as Sete mulheres socorristas. Nós percorremos as filas, para cima e para baixo, por um longo tempo. Estávamos testando-os e sondando para ver se encontraríamos alguns que servissem para o nosso propósito, aqueles em cujos corações não remanescera amargura demais. Estes, nós acordaríamos e conversaríamos com eles, e então os convidaríamos para nosso grupo, para nos ajudarem com a multidão.”

Quem foi escolhido para acordar os últimos foi novamente o menino Habid, já que ele não pareceria uma ameaça, mesmo para os mais revoltosos.

O resultado foi muito bom. Os resgatados foram divididos em 2 grandes grupos. O primeiro ficou ali mesmo, onde eles fundaram uma colônia, e o segundo grupo pôde habitar em uma esfera um pouco melhor, ainda dentro do 2º Céu. Além disso, outros não estavam em condições de serem recolhidos ainda e ficaram vagando fora das colônias.

O primeiro grupo progrediu muito desde a fundação da colônia. Eles aprenderam a conviver com as diferenças e trabalharam juntos para construir moradias. Dessa forma, melhoraram muito sua condição íntima. Só então perceberam que não estavam todos lá, sentiram a falta dos que foram para a esfera um pouco mais alta e dos que ainda vagavam. Assim, eles decidiram construir uma Casa de Associação, para organizar a busca dos entes queridos que ainda perambulavam fora dos grupos.

A Casa de Associação foi um marco importante para o grupo. Todo esse esforço conjunto, que culminou na construção da Casa, acumulou

merecimento para eles, que passaram a receber energias do alto que os condicionaram para a próxima esfera. E, na inauguração da Casa de Associação, espíritos de céus mais altos se fazem presentes e auxiliam a elevação desse primeiro grupo da colônia para aquela esfera um pouco mais elevada, onde já se encontrava aquele segundo grupo dos recolhidos. Então, há um grande reencontro, uma grande festa.

Observem que a melhora da conduta, o esforço de cooperação capacitou os espíritos da colônia a habitar uma esfera mais sublime, com vegetação mais verdejante, com um brilho maior.

Nessa esfera um pouco mais elevada, o menino Habidi fazia parte do comando. O progresso da colônia levou uns 5 anos, então o Habidi já tinha uns 17 anos e é dito que ele também exercia a função de profeta que é a mesma coisa que médium, ele transmitia e recebia mensagens de céus mais altos. Isso é um exemplo de que a Revelação é a Lei que permite a comunicação entre os planos e faz das mediunidades o seu instrumento. Ainda, a Revelação permite a comunicação não só entre os encarnados e os desencarnados mas também entre diferentes céus espirituais.

O FERREIRO

O segundo caso escolhido é o do Ferreiro. Ele ocorre em um céu ainda mais baixo, em uma região que está sob o comando do Shonar, aquele mesmo espírito que liderou o recolhimento dos mais de 6000 do caso anterior.

Arnel e Shonar vão resgatar um grupo de espíritos que estava sob a tirania feroz de um espírito chamado de Ferreiro, que apesar de forte não podia enfrentar Shonar e Arnel e realmente não conseguiu impedir o resgate daqueles espíritos.

No momento do resgate, Shonar diz ao Ferreiro: “Quanto tempo ainda, meu irmão, você continuará se enganando, e a estas suas vítimas? Você não é o homem poderoso que tenta aparentar. Você nem tem força em seu corpo, nem a força de vontade que demonstra. Pare com este escárnio e com sua própria loucura. Somente desta forma cumprirá seu destino, que não é ser procurado neste lugar lúgubre, como bem sabe.”

As palavras de Shonar calam fundo e o Ferreiro responde: “Sim, mestre, estas suas palavras são boas palavras, mas por enquanto não são para mim. Mas se estes outros escolherem ir, não mais os deterei. Eles irão, e ficarei sozinho com minha própria tarefa de decifrar o enigma do meu enigmático coração. É melhor assim. Estão me escutando, seus fracos? Saiam desta porcaria de fogueira, e preparem seus corações com mais forças. Estes cavalheiros vão levá-los para algum local menos assustador e mais adequado a seus pensamentos.”

Ele foi convidado a se juntar a eles, mas não se sentiu pronto para partir, embora já mostrasse algum arrependimento pelo mal que fez. O que é interessante é que o Ferreiro era o único do grupo que já possuía grau evolutivo para habitar Céus mais elevados, mas estava lá por má conduta. Só que, para a surpresa deles, depois de algum tempo, o Ferreiro aparece no portão do Forte em que o Shonar morava, mas não consegue entrar, pois o Forte estava condicionado com uma vibração de um Céu mais alto, ainda muito sublime para o Ferreiro, o ar era muito rarefeito para ele, que diz:

“Senhor,” replicou o visitante, “Não posso me adiantar até onde o senhor está. Aquela luz ali me traz desconforto. Apesar disso ...” E ele, apertando seus lábios, deu cinco ou seis passos à frente. Era como se ele estivesse subindo numa correnteza. Então ficou parado e disse, “Não posso ir mais adiante que isso, meu senhor Shonar. Isto deve ser suficiente para o senhor.”

Essa é a Lei do Peso Específico agindo, só consigo ir ou entrar onde o meu grau vibracional permite.

Isso mesmo, inclusive no Novo Testamento dos Espíritas, o mestre Polidoro diz que "como sejam bons ou ruins os pensamentos, assim virão a ser as obras, vindo a lei do peso específico a registrar tudo no mesmo corpo astral, no carro da alma, para constituir o grau vibratório do seu dono"

Mas o Ferreiro estava tentando se redimir, ele estava lá no Forte para avisar que ele havia recolhido quatro espíritos femininos em sua cabana na região mais trevosa e queria que o Shonar resgatasse elas para o seu Forte.

Ferreiro: “Foi por isso que vim ao senhor, meu senhor. Estas quatro, eu encontrei sendo mal tratadas e cruelmente judiadas por um pequeno grupo de vadios. Então eu as abriguei. Se lhe agrada, venha e leve-as, pois assim posso seguir no meu caminho de chegar à verdade das coisas pela meditação.”

Ele começa um trabalho muito bonito, no qual ele - a custa de um esforço exaustivo - recolhe muitos espíritos e leva para o forte. Com isso ele vai ficando mais brilhante até que, por mérito, ele já tem condições de entrar e ficar naquele forte, que possuía uma atmosfera mais sublime.

“Por um bom tempo, o Ferreiro tinha trabalhado seu abrigo, conforme ele escolhera. Tinha em sua mente seus planos e os levava adiante. Shonar deixara-o assim aos seus próprios cuidados, considerando que seria vantajoso desta forma para o progresso do homem. Quando o Ferreiro efetuava um socorro, fazia sua aparição diante dos portões e despachava sua carga com poucas palavras. Somente um cumprimento e um adeus ele

dava, e ia embora novamente a seus negócios, na escuridão do Plano exterior em torno.”

Certo dia, o Ferreiro se encarrega de resgatar dezenas de espíritos e de levá-los ao forte.

“Então seguiram para a porta exterior da Casa. Ali James teve uma estranha visão. Havia um grande grupo de pessoas que se estendia na frente e nas laterais na escuridão, e pareciam cansados. Vieram de uma longa e extenuante jornada, e suas roupas estavam cobertas de poeira e muito rotas, e seus corpos esqueléticos e ofegantes.

À frente deles, e no local iluminado diante do portão, estava o Ferreiro. Era uma pessoa que dava dó de se ver. Todo o seu brilho pessoal, que tinha quando começou a liderar estas pessoas até aqui, foi absorvido por eles, já que suas forças não eram suficientes para atendê-los na longa peregrinação através do deserto. Então ele lhes dava de sua própria força, de vez em quando. E agora ele aqui estava, exaurido e exausto, mas com sua carga pesada bravamente conduzida, trazida a salvo ao seu destino.”

Ferreiro ganha autorização para subir a um céu superior àquela, onde habitava a sua família, com a qual pode se reunir pela primeira vez desde seu desencarne há 70 anos atrás.

““Ferreiro,” disse Shonar, “você, por muito trabalho, já alcançou avanços. Temos aqui trabalhadores que se encarregarão dos assuntos dos quais você se encarregou até aqui. Eles farão de sua casa lá, o ponto de partida, e você estará em outros trabalhos, em lugares mais brilhantes, como é de seu galardão.””

Então ficaram juntos, e o Ferreiro sentou-se com sua esposa em um dos bancos ao longo da parede, e as três crianças ficaram diante deles.

“Por um tempo conversaram seriamente, e então o homem levantou-se, e abraçando a cada um, beijou-os e, com um aceno de mão e um sorriso, veio até onde Shonar estava conversando com outros, perto das águas. Ele viu o Ferreiro e convidou-o a juntar-se a eles. O homem então disse, “E agora, meu senhor Shonar, devo agradecer-lhe por sua grande bondade comigo, e também com estes meus queridos. E também agradeço ao senhor, meu jovem senhor James, porque eles me contaram de sua grande generosidade dispensada a eles na Clareira. Eu pediria mais uma graça, bom Shonar, se puder ser concedida a mim. Seria que, quando eu vier para cá, de tempo em tempo, nos meus trabalhos, eu pudesse encontrar estes meus queridos por um curto espaço de tempo, como aconteceu agora. Isto me dará algum alívio em contraposição ao novo turno de trabalho.””

“Meu irmão,” disse Shonar, “está ordenado que você se vá com eles agora mesmo para a Clareira, que é seu lar. Nós recebemos palavras de autorização para que lhe fosse dado isso.”

“De quem?”

“Dos que têm observado lá das esferas superiores o seu trabalho evoluindo nesta região.”

“Eles podiam me ver e saber das coisas que fiz e por que, e como as fiz?”

“Nas formas que eles têm que comandar, eles podem fazer tudo isso.”

“Então eles também saberão, bom Shonar, por que eu voltarei para meu trabalho lá longe, e vão me dar licença para ir.”